

# ENVELHECIMENTO POPULACIONAL

Maria Ângela Cabanilha de Souza Maltempi  
Assistente social e gerontóloga  
Professora e coordenadora da Toledo Aberta a Melhor Idade

Segundo as projeções estatísticas da Organização Mundial de Saúde o Brasil deverá ser o sexto país do mundo em contingente de idosos até o ano 2025. Hoje os idosos representam 8,6% da população brasileira, um contingente de quase 15 milhões de pessoas com 60 anos ou mais de idade. Em 2025 esse número será de 15%, ou seja, o Brasil contará com 32 milhões de idosos.

As mulheres são maioria, 8,9 milhões (62,4%) dos idosos são responsáveis pelos domicílios e têm, em média, 69 anos de idade e 3,4 anos de estudo. Com um rendimento médio de R\$ 657,00, (destaque para Presidente Prudente está situada na região onde o rendimento do idoso é a mais alta) o idoso ocupa, cada vez mais, um papel de destaque na sociedade brasileira.

Estudos mostram que a população brasileira terá crescido 05 vezes de 1950 a 2025, sendo que a de idosos terá crescido 16 vezes. O envelhecimento populacional do Brasil é o mais rápido do mundo .

Expectativa de vida na déc. De 40 era de 40 anos hoje é de em media 71anos, salientando que a mulher vive mais oito(08) anos.

O envelhecimento populacional do Brasil é o mais rápido do mundo. E paralelamente a taxa de fecundidade diminuiu. Em 1980 tínhamos 16 idosos para 100 crianças, em 2000, 30 idosos para 100 crianças.

Este é um quadro novo que apresenta o Brasil, não mais como um país de jovens, mas um país com alta taxa de idosos. Entretanto precisamos criar **alternativas para acrescentar vida a estes anos a mais que conquistamos, o brasileiro está vivendo mais, conseqüentemente o idoso vive mais também, hoje a expectativa média de vida de um homem brasileiro aos 60 anos é de viver mais 16 anos, e a da mulher 19,5 anos.**

Esta situação requer atenção do GOVERNO, da SOCIEDADE, DAS COMUNIDADES E DAS FAMÍLIAS.

O envelhecimento é um processo natural, mas a velhice é uma categoria construída, é uma construção histórica e social produzida pela modernidade, oprimida **pela dependência social e pela velhice.**

**A 3ª idade apresenta-se uma nova categoria, expressão de um novo sujeito, que não é um velho acomodado e que se impõe com novas necessidade psicológicas, sociais, éticas e políticas.**

Na relação entre jovens e velhos, é notória em nosso país, sobretudo nas classes médias e nas elites, uma visão distorcida e preconceituosa em relação aos idosos.

Uma situação carregada de distanciamento ou indiferença, ou, muitas vezes, os preconceitos ostensivos e velados em relação à competência para política, para a vida social e cultural, para o trabalho, ou para simples convivência no lazer. Suas experiências e seu saber são dispensados, quando não desprezados, na sociedade que valoriza a inovação e subestima o antigo. O antigo tem de lutar para sobreviver, a sociedade contemporânea parece perder o sentido e a importância da memória histórica, cultural, artística ou até mesmo natural. Tudo se destrói em nome do progresso e da expressão econômica. Essa destruição e valores, faz os mais velhos sentirem-se integrantes perdidos no espaço.

Na sociedade cujo grande motor de pensamento é a indústria cultural, os meios de comunicação, rádio, TV, jornal, tem toda uma produção voltada para o jovem,, veiculando mensagens, em que à exceção dos valores notáveis e célebres, o idoso é tratado como surdo, débil, sem opinião que se leve a sério, sem experiência de vida deva ser levada em conta, sem condições de frequentar atividades grupais. Creio que não é intrínseco ao jovem esse preconceito, essa discriminação em relação ao idoso. São condições econômicas e culturais muito específicas que criam e desenvolvem esses padrões. A velhice passa a ser encarada como estágio marginal e não normal da vida. Dessa disfunção surgem os preconceitos e estereótipos que definem as imagens do idoso predominantes na sociedade.

Em defesa dos idosos, iniciou-se um forte movimento nas últimas décadas, na tentativa de uma reavaliação de seu papel frente a sociedade. A imagem estereotipada da velhice tende a ser substituída por uma representação mais positiva. Envelhecer assume o significado de um novo tempo no qual a libertação dos compromissos possibilita a vivência de outras experiências.

A problemática social do idoso não representa mais uma questão social que diz respeito a eles próprios, pois o aumento gradativamente alto desse grupo e os efeitos do seu isolamento, são circunstâncias que afetam a Sociedade Brasileira e já mobilizam importantes setores na busca de caminhos que obstaculizam sua crescente marginalização.

O crescimento de idosos numa população é altamente significativo para a elaboração de uma política social. A velhice, tem um custo social elevado na medida em que determina a manutenção do salário-aposentadoria, pensões e outras formas de auxílios financeiros e de assistência social e à saúde, por tempo mais prolongado.

A política social de atenção à velhice tem e deve ser de manter o idoso fora do ambiente institucionalizado, desde que tenha condições para isso, desenvolvendo ações que resgatem o nível econômico dos idosos, como também o aumento significativo da remuneração dos que estão aposentados,

no sentido de oferecer uma forma digna de vida ao idoso e aqueles que vão envelhecer.

A política brasileira em favor dos idosos pode ser sintetizada a partir de 05 objetivos:

1. Implantação do sistema de mobilização comunitária;
2. Atendimento institucional
3. Assistência médica
4. Preparação desta (equipe de apoio) formação de R.H.
5. Preparação para aposentadoria

A sociedade se preocupa com o engajamento dos indivíduos nas atividades produtivas, porém não assumiu como sua responsabilidade a preparação para a inatividade. As sucessivas transformações sociais a que foram submetidas todas as sociedades, acabaram por conduzir os idosos, sobretudo os aposentados, a situações de absoluto desprestígio e isolamento. As consequências psicoemocionais desse isolamento são facilmente perceptíveis, fato diante do qual a sociedade se cala e se omite.

A situação dos aposentados é um dos graves problemas sociais que aflige a sociedade brasileira, a constatação desta realidade me fez pensar sobre a necessidade de uma consciência coletiva que reflita sobre medidas que garantam um bom nível de integração ao meio, recebendo a comunidade o reconhecimento traduzido numa melhor qualidade de vida para todos.

Se sociedade não tomar consciência da existência do problema, e agirem no sentido de solucioná-lo antes que a população idoso atinja o “Boon,” a situação será agravada.

A nova concepção da velhice como etapa particular do ciclo de vida, sujeita a limites e possibilidades, exige políticas sociais específicas, com o objetivo de integrar o idoso no seu meio. Trata-se também se responsabilizar a todos os segmentos da sociedade para a responsabilidade que tem de favorecer a independência dos velhos pela manutenção da sua autonomia, do limite máximo de suas responsabilidades, independente do grau de dificuldades particulares que possam apresentar.

Envelhecer com qualidade de vida será o principal desafio, com a redução das famílias, a probabilidade de as pessoas idosas terem com quem morar/ ficar será cada vez menor.

Entretanto, é necessário compreender que essa política para velhice, deve inserir no bojo de uma política social mais ampla de atendimento a outras idades, diminuindo a questão das desigualdades.

Segundo o IBGE 2000

POPULAÇÃO IDOSA NO BRASIL

8,6% DA POPULAÇÃO TOTAL = 16 MILHÕES com mais de 60 anos

Projeções para 2.025 = 32 MILHÕES

Em PRESIDENTE PRUDENTE

2000 → aproximadamente 10% DA POPULAÇÃO

Homem 4%

Mulher 5%

Em 2000

21.518 pessoas com mais de 60 anos

6.668 tem 60 – 64 anos

5.410 tem 65 – 69 anos

4.140 tem 70 – 74 anos

5.300 acima de 75 anos

Expectativa que em 2020 tenhamos 31.000 IDOSOS

Segundo Organização Mundial da Saúde:

85% DOS IDOSOS TEM UMA DOENÇA CRÔNICA

20% APRESENTAM LIMITAÇÃO FUNCIONAL

PORTANTO, NO UNIVERSO DE IDOSOS:

80% PODEM SER CONSIDERADO SAUDÁVEIS E INDEPENDENTES

TAXA DE FERTILIDADE:

1950 = 06 FILHOS

1998 = 3,3 FILHOS

EXPECTATIVA DE VIDA:

HOJE:

PAÍSES DESENVOLVIDOS = 75 ANOS

PAÍSES EM DESENVOLVIMENTO = 68 ANOS

BRASIL = última publicação 71 anos (dez 2002)

IDOSOS COM MAIS DE 75 ANOS AUMENTOU PARA 49,3% EM RELAÇÃO A POP. IDOSA

EXPECTATIVA PARA 2050

PAÍSES DESENVOLVIDOS = 81 ANOS - 1 IDOSO PARA 03 PESSOAS

PAÍSES EM DESENVOLVIMENTO = 76 ANOS - 1 IDOSO PARA 05 PESSOAS

O NÚMERO DE PESSOAS CENTENÁRIAS AUMENTARÁ 15 VEZES, NO BRASIL SOMAM 25.000 ( CENSO 2000)

VELOCIDADE DO AUMENTO DA POPULAÇÃO IDOSA:  
FRANÇA = 115 ANOS  
SUÉCIA = 85 ANOS  
CANADÁ = 64 ANOS  
HUNGRIA = 53 ANOS  
JAPÃO = 26 ANOS  
BRASIL = 20 ANOS

A seguir apresentamos o resultado da publicação efetuada pelo IBGE em relação ao envelhecimento populacional no Brasil, dados 2002. Para saber mais:

<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/população/tabuadevida/textoambossexos2000/shtm>

IBGE lança o Perfil dos Idosos  
publicação dez/2002

A população de idosos representa um contingente de quase 15 milhões de pessoas com 60 anos ou mais de idade (8,6% da população brasileira). As mulheres são maioria, 8,9 milhões (62,4%) dos idosos são responsáveis pelos domicílios e têm, em média, 69 anos de idade e 3,4 anos de estudo. Com um rendimento médio de R\$ 657,00, o idoso ocupa, cada vez mais, um papel de destaque na sociedade brasileira. **Os resultados estão na nova publicação do IBGE que traz números sobre a situação no Brasil, nas Grandes Regiões, nas Unidades da Federação e é acompanhado por um CD-ROM com informações dos 5.507 municípios do País.**

A maioria dos 14.536.029 de idosos vive nas grandes cidades

Expectativa de vida do brasileiros nascidos em 2002 é de 71 anos, superando expectativas otimistas de que esta idade seria possível só em 2020.

Presidente Prudente

21.518 pessoas com mais de 60 anos

6.668 tem 60 – 64 anos

5.410 tem 65 – 69 anos

4.140 tem 70 – 74 anos

## 5. 300 acima de 75 anos

Nos próximos 20 anos, a população idosa do Brasil poderá ultrapassar os 30 milhões de pessoas e deverá representar quase 13% da população ao final deste período. Em 2000, segundo o Censo, a população de 60 anos ou mais de idade era de 14.536.029 de pessoas, contra 10.722.705 em 1991. O peso relativo da população idosa no início da década representava 7,3%, enquanto, em 2000, essa proporção atingia 8,6%.

A proporção de idosos vem crescendo mais rapidamente que a proporção de crianças. Em 1980, existiam cerca de 16 idosos para cada 100 crianças; em 2000, essa relação praticamente dobrou, passando para quase 30 idosos por 100 crianças. A queda da taxa de fecundidade ainda é a principal responsável pela redução do número de crianças, mas a longevidade vem contribuindo progressivamente para o aumento de idosos na população. Um exemplo é o grupo das pessoas de 75 anos ou mais de idade que teve o maior crescimento relativo (49,3%) nos últimos dez anos, em relação ao total da população idosa.

**No Brasil, em média, as mulheres vivem oito anos a mais que os homens.** As diferenças de expectativa de vida entre os sexos mostram: em 1991, as mulheres correspondiam a 54% da população de idosos; em 2000, passaram para 55,1%. Portanto, em 2000, para cada 100 mulheres idosas havia 81,6 homens idosos.

**Outra conclusão: residir na cidade pode beneficiar a idosa, especialmente aquela que é viúva, por causa da proximidade com seus filhos, dos serviços especializados de saúde e de outros facilitadores do cotidiano.** Assim, o grau de urbanização da população idosa também acompanha a tendência da população total, ficando em torno de 81% em 2000. A proporção de idosos residentes nas áreas rurais caiu de 23,3%, em 1991, para 18,6%, em 2000.

O crescimento da população de idosos, em números absolutos e relativos, é um fenômeno mundial e está ocorrendo a um nível sem precedentes. Em 1950, eram cerca de 204 milhões de idosos no mundo e, já em 1998, quase cinco décadas depois, este contingente alcançava 579 milhões de pessoas, um

crescimento de quase 8 milhões de pessoas idosas por ano. As projeções indicam que, em 2050, a população idosa será de 1.900 milhões de pessoas, montante equivalente à população infantil de 0 a 14 anos de idade. Uma das explicações para esse fenômeno é o aumento, verificado desde 1950, de 19 anos na esperança de vida ao nascer em todo o mundo.

Os números mostram que, atualmente, uma em cada dez pessoas tem 60 anos de idade ou mais e, para 2050, estima-se que a relação será de uma para cinco em todo o mundo, e de uma para três nos países desenvolvidos.

E ainda, segundo as projeções, o número de pessoas com 100 anos de idade ou mais aumentará 15 vezes, passando de 145.000 pessoas em 1999 para 2,2 milhões em 2050. Os centenários, no Brasil, somavam 13.865 em 1991, e já em 2000 chegam a 24.576 pessoas, ou seja, um aumento de 77%. São Paulo tem o maior número de pessoas com 100 anos ou mais (4.457), seguido pela Bahia (2.808), Minas Gerais (2.765) e Rio de Janeiro (2.029).

No País, 62,4% dos idosos são responsáveis pelos domicílios

O Censo 2000 verificou que 62,4% dos idosos eram responsáveis pelos domicílios brasileiros, observando-se um aumento em relação a 1991, quando os idosos responsáveis representavam 60,4%. É importante destacar que no conjunto dos domicílios brasileiros (44.795.101), 8.964.850 tinham idosos como responsáveis e representavam 20% do contingente total. Em 1991, essa proporção ficava em torno de 18,4%. A distribuição por sexo revela que, em 2000, 37,6% dos responsáveis idosos eram do sexo feminino, correspondendo a 3.370.503 de domicílios, enquanto no início da década passada essa proporção atingia a 31,9%. Destaca-se ainda que a idade média do responsável idoso, em 2000, estava em torno de 69,4 anos (70,2 anos quando o responsável era do sexo feminino e 68,9 para o idoso responsável do sexo masculino).

**Entre os domicílios sob a responsabilidade de idosos, os domicílios unipessoais, isto é, aqueles com apenas um morador, totalizavam, em 2000, 1.603.883 unidades, representando 17,9% do total. Em 1991, a proporção era**

de 15,4%. O estudo chama atenção para a elevada proporção de mulheres idosas que moravam só, em 2000 - cerca de 67%.

Os números mostram, também, outra realidade para grande parte dos idosos responsáveis pelos domicílios. Em todo o País, 64,7% deles moram com ou sem cônjuge, mas com filhos e/ou outros parentes na mesma casa. Nos domicílios onde a idosa é responsável, é mais recorrente a forma de organização familiar sem o cônjuge (93,3%), porque, nestes casos, provavelmente, tais domicílios são ocupadas pelas idosas viúvas.

Tabela5 - Pessoas de 60 anos ou mais de idade, responsáveis pelos domicílios, em relação ao tipo de arranjo familiar em que encontram-se inseridas  
Brasil - 2000

Sexo do responsável	Total de responsáveis pelos domicílios	Proporção de pessoas de 60 anos ou mais de idade, responsáveis pelo domicílios, em relação ao tipo de arranjo familiar em que encontram-se inseridas (%)			
		Casal sem filhos(1)	Casal com filhos e/ou outros parentes (2)	Morando com filhos e/ou outros parentes (3)	Morando sozinho (4)
Total	8 964 850	17.0	36.0	28.7	17.9
Homem	5 594 347	25.9	55.5	8.9	9.5
Mulher	3 370 503	2.1	3.6	61.5	31.8

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000

Nota: Domicílios particulares permanentes

(1) Responsável idoso morando com cônjuge, sem filhos e/ou enteados e/ou outro parente.

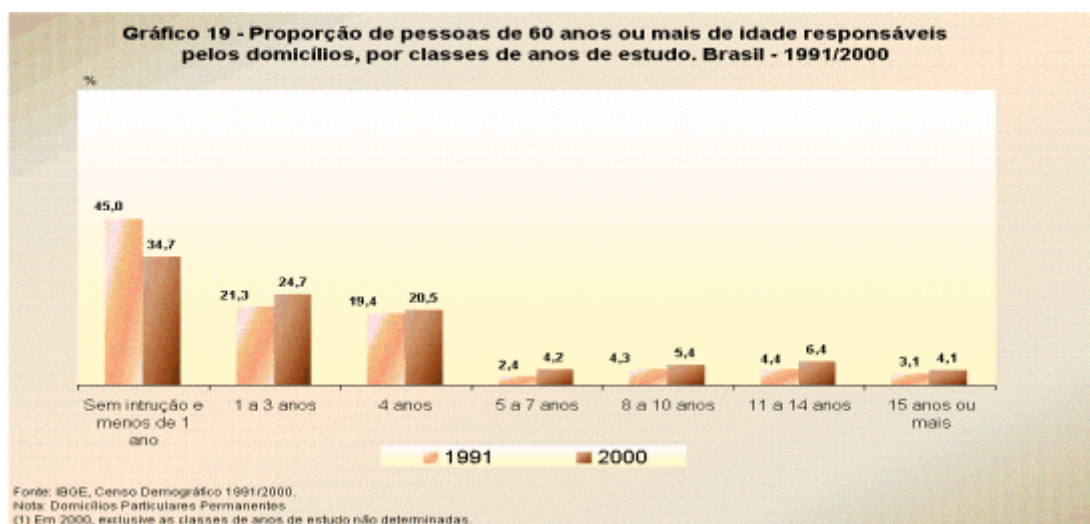
(2) Responsável idoso morando com cônjuge, com filho e/ou enteado e/ou com outro parente(pai, mãe, sogro(a), neto(a), bisneto(a), irmão, irmã, outro parente, agregado(a))

(3) Responsável idoso morando sem cônjuge, com filho e/ou enteado e/ou com outro parente(pai, mãe, sogro(a), neto(a), bisneto(a), irmão, irmã, outro parente, agregado(a))

(4) Responsável idoso morando sem cônjuge, sem filhos e/ou enteados e/ou outro parente.

## Escolaridade

Apesar dos avanços, a proporção de idosos com escolaridade mais alta ainda é pequena. Em 1991, 2,4% dos idosos tinham de 5 a 7 anos de estudo, em 2000, essa proporção passa para 4,2%. Para aqueles que concluíram pelo menos o ensino médio, a proporção passou de 7,5% para 10,5%, um aumento de 40% .



## Situação econômica

De 1991 a 2000, rendimento dos idosos cresce 63% e passa de R\$403,00 para R\$657,00

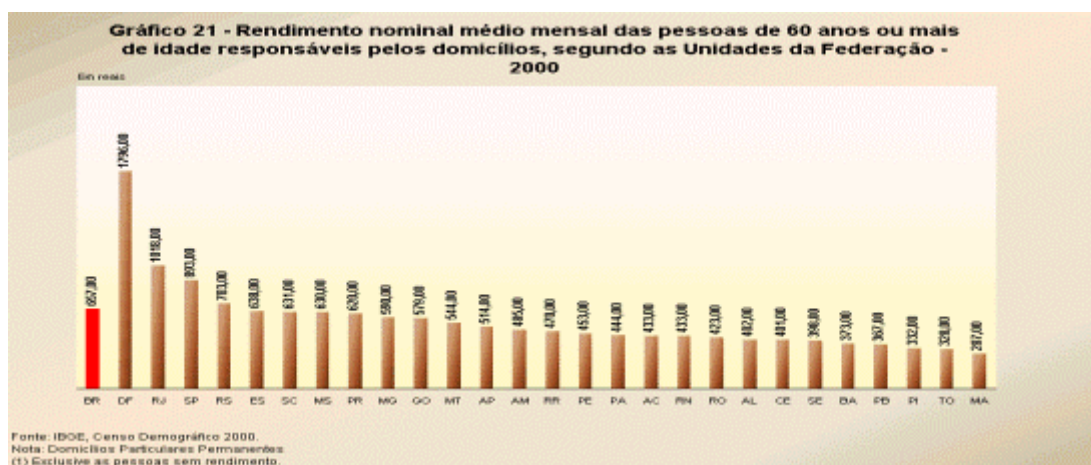
De 1991 para 2000, o rendimento médio do idoso responsável pelo domicílio passou de R\$403,00 para R\$657,00, sendo que no corte por gênero, os homens ganham, em média, mais do que as mulheres: R\$752,00 contra R\$500,00.

Tabela 8 - Rendimento médio mensal das pessoas com 60 anos ou mais de idade responsáveis pelo domicílio, com rendimento, e respectivo crescimento relativo, segundo as Grandes Regiões - 1991/2000									
Brasil e Grandes Regiões	Rendimento médio mensal das pessoas com 60 anos ou mais de idade responsáveis pelo domicílio, com rendimento (em reais)						Crescimento relativo (%)		
	1991			2000			Total	Urbana	Rural
	Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural			
	403,00	477,00	160,00	657,00	739,00	297,00	63,1	54,1	76,1
Norte	300,00	364,00	187,00	438,00	502,00	260,00	46,0	37,8	42,1
	224,00	298,00	115,00	386,00	474,00	198,00	72,3	59,1	72,2
	536,00	576,00	224,00	836,00	879,00	388,00	55,6	52,6	77,7
	362,00	438,00	221,00	661,00	730,00	388,00	73,0	66,7	80,8
Centro-	440,00	477,00	279,00	764,00	788,00	648,00	71,4	65,4	85,7

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1991 e 2000.  
Nota: Domicílios particulares permanentes.  
(1) Valores deflacionados pelo INPC, com base em julho de 2000.

Essa diferença no crescimento da rendimento entre áreas urbanas e rurais reflete a desigualdade na distribuição dos rendimentos. Segundo os resultados do Censo 2000, a renda dos idosos na área rural representa cerca de 40% da urbana, proporção similar a encontrada em 1991. Os dados revelam que não houve melhora significativa na última década. Observa-se que, entre as Unidades da Federação, há uma grande diversidade socioeconômica no País.

Em geral, os estados cujas áreas rurais são mais desenvolvidas, como os do Sul, de São Paulo e da fronteira agrícola dos cerrados (região Centro-Oeste e Rondônia), têm rendimentos médio urbano e rural para os idosos bastante próximos. Por outro lado, o rendimento na área rural nos estados das regiões Norte e Nordeste representa, em média, menos que a metade do urbano. Esse resultado é influenciado pelos altos índices de pobreza na área rural encontrados nesses estados.



Entre os estados, o Distrito Federal e o Rio de Janeiro têm os maiores rendimentos médios para os idosos (R\$1.796,00 e R\$1.018,00, respectivamente), seguidos pelos demais estados da região Sudeste e Sul. Já os estados do Nordeste têm os menores rendimentos, com destaque para o Maranhão, onde os idosos recebem, em média, R\$287,00. No Rio de Janeiro, Niterói é o primeiro em rendimento (R\$1.785,00) e Carapebus (R\$278,00), o último.

Analisando-se cada área isoladamente, observa-se que, se em 1991, 45,8% dos idosos responsáveis que viviam na área urbana recebiam até um salário mínimo, em 2000 esta proporção passa para 39,8%. No mesmo período, a proporção de idosos recebendo mais de cinco salários aumentou 7 pontos percentuais. Já na área rural, a proporção de idosos responsáveis que recebiam até 1 salário mínimo passou de 72,3% em 1991 para 65,0% em 2000.

Embora a renda proveniente do trabalho seja, em geral, responsável pela maior parte da renda familiar, os dados do gráfico 25 mostram que, em relação aos idosos, o mesmo não acontece. No caso dos idosos homens, os dados da PNAD mostram que, em 1999, os rendimentos de aposentadoria representavam o principal componente da renda (54,1%), enquanto o rendimento do trabalho respondia por apenas 36%. Já para as idosas, quase 80% da renda era formada pelos rendimentos de pensão e aposentadoria.